

# Brasília com poesia: entre as asas da utopia e os eixos da realidade

## Brasília with poetry: between the wings of utopia and the axes of reality

---

Marcos Fabrício Lopes da Silva

Faculdades JK- Gama (DF)

<https://orcid.org/0000-0002-6183-8777>

Recebido em: 14/06/2019

Aceito para publicação em: 24/08/2019

---

## Resumo

Este artigo tem como propósito oferecer um conjunto interpretativo sobre as representações literárias de Brasília, que transitam entre a utopia e a realidade. Valorizando o trabalho especial com a linguagem realizado pelos escritores, o exercício crítico contempla um conjunto de poesias envolvendo as múltiplas experiências autorais de conviver com as belezas e as mazelas da capital brasileira.

**Palavras-chave:** Brasília. Poesia. Literatura Brasiliense. Utopia. Realidade.

---

## Abstract

*This article has the purpose of offering an interpretative set on the literary representations of Brasília, that transit between utopia and reality. Valuing the special work with the language performed by the writers, the critical exercise contemplates a set of poems involving the multiple authorial experiences of living with the beauties and the ills of the Brazilian capital.*

**Keywords:** Brasília. Poetry. Brazilian Literature. Utopia. Reality.

Acompanhando a linha de raciocínio proposta pelo professor e crítico literário Antonio Candido, em *O direito à literatura* (1988), a literatura reúne traços importantes, tais como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (2004, p. 180). A literatura brasiliense, com sua rica especificidade, também apresenta tais características apontadas por Candido, dentro de uma perspectiva local com abrangência universalista. Escolhemos falar de Brasília, inspirados no livro *A Constituição da Poesia*, Capítulo II – Dos Direitos Sociais, escrito por Fábio Carvalho:

- I – quem não conhece não aceita;
- II – quem não aceita não valoriza;
- III – quem não valoriza não respeita;
- IV – quem não respeita não poetiza (CARVALHO, 2008, p.13).

Brasília, então, seria um *Aborto Elétrico*? Uma *Plebe Rude*? Um *Detrito Federal*? Ou Brasília seria uma *Legião Urbana*? *Capital Inicial*? *Paralamas do Sucesso*? É isso tudo: junto e misturado! *O concreto rachou* e o abstrato se achou o suficiente. “Eu quero ver o oco!”, canta *Raimundos*, o que lembra, por outras vias, o *gauche* Drummond: “Mundo mundo vasto mundo,/se eu me chamasse Raimundo/seria uma rima, não seria uma solução”. Com a devida licença poética, dando redação pessoal ao citado *Poema de sete faces* (1930), eu vos digo: *Mundo mundo vasto mundo,/mais vasto é meu coração./Eu não devia te dizer/mas esse caldo de cana/mas esse pastel de carne/botam a gente comovido como dois candangos*.

Uma pausa para o *coffee break*... *Coffee break*? Não, aqui tem *Chá com porrada*, *iogurte com farinha*, *Laranja seleta* e *O bagaço da laranja*. Eis as orações insubordinadas que o poeta Nicolas Behr nos ensinou: “subo aos céus/pelas escadas rolantes/da rodoviária de Brasília/o corpo de cristo/aqui não é pão,/é pastel de carne/o sangue de cristo/aqui não é vinho,/é caldo de cana/o padroeiro desta cidade/é dom bosco ou padim ciço?” (2002, p. 2–3). Brasília não nasceu do Recreio dos Bandeirantes, brotou do Empenho dos Retirantes. A fé que move montanhas mexeu para sempre com o coração do Planalto Central do Brasil. Brasília é uma utopia monumental. A capital do Brasil nasceu sob o signo da esperança – nova, moderna de vanguarda, prometendo seus fundadores de que a arquitetura arrojada e o plano urbanístico dariam provas de que a nação arcaica, com a cabeça na colônia, ficaria para trás. Tamanha exuberância coloca Brasília como tremendo

*museu a céu aberto*. Em 1987, foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Brasília, triunfo da modernidade, não se salvou do *lero-lero* do atraso: o verbo se tornou carne, mas também a verba se deformou em propina. Todo poder oprime e não há poder sem limites. A propensão do homem ao abuso de autoridade levou Montesquieu, autor de *O espírito das leis* (1748), a idealizar o sistema de freios e contrapesos, com o objetivo de zelar pela independência e harmonia dos Três Poderes da República – Executivo, Legislativo e Judiciário – em prol da sociedade. Porém, “ninguém respeita a Constituição, mas todos acreditam no futuro da Nação”, problematiza a banda *Legião Urbana*, em *Que país é este?* (1978). Paradoxo insustentável. Montesquieu revirado. Nicolas Behr revela o achado, denunciando o perdido: “os três/poderes/são/um só:/o deles” (2002, p. 55).

Pra não dizer que não falei de ipês: roxos, amarelos, rosas e brancos. “Depois de um ano/o ipê se veste de noiva/provoca as abelhas/e oferece a flor”, observa o poeta Roberto Klotz (2016, p. 10). Quando os ipês se abrem esplendorosos, o cinza parece não mais imperar nesta terra onde brilham o cerrado e o entusiasmo de JK: “Como pode um peixe vivo/viver fora da água fria/Como poderei viver/Como poderei viver/Sem a tua, sem a tua,/Sem a tua companhia”. Somos herdeiros de mestres, como Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Lucio Costa, Burle Marx, Samuel Rawet e criados por *poeira e batom no Planalto Central*, como bem nos contam Tania Fontenele Mourão e Tânia Quaresma. O sangue e o afeto de heróis e heroínas anônimas correm nas veias da formação do povo brasiliense: candango eu, brasiliense tu...

Canta, com alegria, Djavan, em *Linha do Equador* (1992): “Céu de Brasília/Traço do arquiteto/Gosto tanto dela assim”. Um giro de 360 graus faz avistar o azul por todos os lados, terra de pegar o céu com a mão. Em seu livro *Subversos* (2015), o *fotopoeta* Wélcio de Toledo rendeu suas lentes ao milagre do fantástico: “relicário de lágrimas/marejando de vermelho/meus olhos/encharcados de sol” (“Pôr do sol em Brasília”, 2015, p. 130). Em outro poema, Toledo percebe que em terra de Apolo, quem tem um olho é Dionísio: “o W fica com 2, com 3, com 4, orgia–elegia na capital narcisa/o S quer S quer N quer tudo, até o W, em alfanumérica vadiagem” (“O poeta bêbado”, 2015, p. 65). Capital da ousadia, da paciência revolucionária, de inspiração comunista. Terra dos casamentos interestaduais. Cidade planejada, organizada, “complicada e perfeitinha”. No quadradinho do Distrito Federal, surge Hamlet reinventado: *pequi or not pequi, that's the question?*

Explica a professora do IESB e do UniCEUB, Ana Cristina Cavalcanti Proença, em “Caipiras e *countries* da Capital Federal: um estudo sobre a exposição agropecuária de Brasília como processo comunicacional” (*Revista Internacional de Folkcomunicação*, 2017):

Brasília é uma cidade singular do ponto de vista cultural. Nascida sob o mito do ‘futuro presente’, a Capital Federal está inserida em uma região interiorana repleta de tradicionalismos – um verdadeiro ‘cinturão caipira’ – que abrange os estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Estando ligada ao universo do campo e ao mesmo tempo a um compromisso com a criação da modernidade, Brasília vive uma ‘contradição’ bastante enriquecedora: do confronto entre modos opostos de ser e agir, surgem novas manifestações populares, híbridas de sincretismo (PROENÇA, 2003, p. 1).

Pela corrente da miscigenação, essa narrativa ganha embalo, porém causa abalo, ao deixar, em segundo plano, as ações de diversidade cultural que realizaram Brasília como cidade do encontro rizomático brasileiro, mesmo diante de tantos desencontros *tolerados*. A respeito, destaca a poeta e comunicadora Marina Mara, em “BSB” (*Figuras*, 2014): “a capital do rock nos oitenta/que hoje é referência em choro/na construção nos anos sessenta/tinha o forró como seu hino/era tão moderna a arquitetura/que para estar à altura/até a catedral usou boca-de-sino” (p. 124).

Promover a interiorização da economia, além de uma completa integração entre todas as regiões do território nacional, Brasília surgia como sucesso do Plano de Metas: 50 anos em 5! *Canaã prometida, a terra que mana leite e mel? Rêgo Júnior falou, o griot avisou*. Em *Zigoto das palavras* (2013): “DIZ:IGUAL/Vida diz: Igual!/Salário diz: Igual!/Cor diz: Igual!/Opinião diz: Igual!/Sexo diz: Igual!/Moradia diz: Igual!/Trabalho diz: Igual!/Todo mundo/Diz: Igual” (p. 114). Diz igual, desigual. Uma cidade-avião: asas da liberdade e eixos da responsabilidade fundamentam sua esperança cantada e reclamada. Cadê o avião de cidade? Apertem os cintos, o Plano Piloto sumiu? Como matar a fome concurseira da Nação e saciar sua sede de estabilidade e bons salários ao mesmo tempo? Como encurtar as distâncias individuais e sociais, se a farra dos supérfluos chega a beirar o absurdo? A fragilidade comunitária, diante da euforia patrimonialista que move ainda as ambições de ser bem-sucedido em Brasília, foi satiricamente criticada pelo músico e poeta Renato Matos, em *Um telefone é muito pouco* (1986). Pesam, ainda, o desrespeito ao sagrado direito de ir-e-vir, somado ao desprezo governamental e elitista que escangalha, até hoje, a comunicação e o transporte públicos. Haja humor para tanto tumor no caminho do amor: “Um telefone é muito pouco/Pra quem ama como louco/E mora no plano piloto/Se a menina que o cara ama/Tá pra lá do gama, mata de desgosto/E ele fica dentro

do pijama/Em cima da cama comendo biscoito/E a televisão com seus programas/Que não tem mais chama pra quem tá afoito/E ele foge para a asa norte/Tropeçando em ratos/Que saem do esgoto”. Eis o velho problema da mobilidade, sustentado pela *cretinice zero quilômetro*: “o brasiliense tem cabeça, tronco e... rodas!”.

Há zonas de respiro, *canção do exílio*? Lamentemos a ausência de mar, mas, com orgulho, somos *surfistas do Lago Paranoá*. A respeito, canta em meu peito, driblando o “Carimbador Maluco”, o *reggae de Natiruts*, mesmo diante de uma Babilônia selada, registrada, carimbada, avaliada, rotulada; se quiser voar!: “É meio dia e eu vejo a seca castigar/15% é a umidade relativa do ar/Eu vou a clube a fim de me refrescar/Mas sinto falta de uma maré pra me levar/Aí eu vejo a piscina de ondas funcionar/E na TV surf brazuca arrebentar/Eu logo tiro uma conclusão elementar/Vou comprar uma prancha pra no mundo do surf me integrar/Eu sou surfista do Lago Paranoá/Eu sei que o Havaí não é aqui, que o mar está longe daqui/Mas pra quê que eu quero o mar se tenho o lago pra mim/Prometo que eu vou me esforçar pra um dia no topo eu chegar/E o mundo vai conhecer, surf lacustre que eu vou desenvolver”.

Pensada para carros, a maior vitória de quem anda a pé em Brasília encontra-se simbolizada na cultura de respeito à faixa de pedestre. Informo que, sem ofuscar o brilhantismo do disco *Abbey Road*, lançado pelos *Beatles*, em 1969, considerando sua foto de capa, na qual os músicos estão a atravessar a rua numa faixa de pedestre, o respeito à citada sinalização de trânsito, no Distrito Federal, deve-se muito ao sucesso de uma forte campanha educativa e midiática, envolvendo escolas, hospitais, organismos de trânsito e meios de comunicação como aliados de uma histórica parceria que mobilizou o governo e a sociedade. Além disso, é prudente reconhecer que o mencionado patrimônio do trânsito brasiliense nasceu diante da extrema necessidade de civilizar o movimento entre pessoas, veículos e animais. Nesse sentido, pioneiro foi o alerta dado pelo poeta Nicolas Behr: “nossa senhora/do cerrado,/protetora/dos pedestres/que atravessam/o eixão/às seis horas/da tarde,/faça com que eu/chegue/são e salvo/na casa da noélia” (2002, p. 46).

Infelizmente, a maré não está pra peixe pois Brasília vem se transformando na capital dos problemas nacionais. A partir da década de 1980, com a emancipação política do Distrito Federal, tem início um acelerado processo de devastação e degradação do cerrado, para abrir caminho à ocupação urbana desordenada comandada por governantes e políticos locais em conluio com desembargadores, juízes e empreiteiros espertalhões. Grileiros e empreiteiros faziam a festa e a fortuna com a farra das terras. O que resultou

desses anos loucos e irresponsáveis muitos, hoje, puderam perceber e sentir na pele. O assoreamento, a poluição, a impermeabilização dos solos e outros danos irreparáveis ao meio ambiente foram o que ficou de herança da irresponsabilidade política que, por incrível que pareça, ainda persiste de modo velado e com a mesma força destruidora.

Em nome de tamanho desenvolvimento insustentável, fez-se necessária a danosa interdição da consciência ambiental, fato esse lamentado pelo poeta Paulo Tovar, em “Marco Zero” (*Tantas palavras, Correio Braziliense*, de 20/4/2017): “Quando não havia torre, lago ou rodoviária/Que o Eixão era somente uma forma imaginária/A ciriema cantava solene compenetrada/Vacas e bois ruminavam no meio da Esplanada/Partiu-se de um ponto/Traçaram-se as retas/Cruzaram-se os eixos/Riscaram-se os mapas/Somaram-se os números/Mediram-se os ângulos/Ligaram-se as máquinas/Rasgaram-se as ruas” (p. 4).

Lamentavelmente, o analfabetismo ambiental, o oportunismo político e o fenômeno da explosão demográfica desenfreada, verificada, sobretudo, a partir dos anos 1990, introduziram um dado inquietante para qualquer planejamento razoável. Dados, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), dão conta de que a capital tem 3 milhões de habitantes. Trata-se de um número assustador, se comparado com o que acreditavam os idealizadores da nova capital. Se for somada a esse número a população residente na área do Entorno, a quantidade de gente habitando, o que seria a grande Brasília, ultrapassa o espantoso 4 milhões de moradores, ou oito vezes mais do planejamento feito nos anos 1960.

A questão é como assentar, digna e adequadamente, tanta gente, disponibilizando infraestrutura sanitária, como água tratada e esgoto, para um contingente em elevação permanente. Por outro lado, como dar a essa multidão atendimento decente em hospitais e escolas públicas? De outro modo, como atender a essa população com transportes decentes e acessíveis? Em *Metade de mim é verso* (2011), o grande poeta e professor da Universidade de Brasília (UnB), Elício Pontes, apresenta os versos de “Brasília 50 anos” que expressam o elogio da ética e do trabalho digno como virtudes a serem requisitadas de fato, caso queiramos combater radicalmente a corrupção e a exploração social: “Quando cheguei, o rosto da cidade/se pintava de vermelho/com o pó da terra goiana./Ética não era uma palavra/era um sentimento/um gesto./Praticava-se o encontro/o riso franco e honesto/ao amigo desconhecido./Quero de volta a poeira/que sujava apenas os sapatos./Quero juntar de novo/o pó e a ética,/fundir numa palavra/a imagem verdadeira de Brasília:/Poética” (2011, p. 68–69).

Cidades podem subsistir séculos como ponto de referência da cultura humana apenas por sua beleza arquitetônica e plástica. Ficam ali expostas a céu aberto, como monumentos de um tempo, com suas edificações, praças e casas. Mas se nelas não se observam a presença e o fervilhar de suas gentes, poderíamos classificá-las como ruínas do passado. A despeito da beleza duradoura das construções e do ambiente concreto, o que imprime a alma a um sítio é justamente o poder de criação humana em diversas áreas, das artes às ciências. É o gênio dos habitantes que ilumina as cidades. Sem sua população e suas produções, tudo em Brasília seria árido e monótono.

O “caldo da vida” do local que ilumina e dá chama ao espírito brasiliense está sendo censurado por bolhas de segurança absoluta que desfiguram a cidade como “Capital da Esperança”. A própria segregação espacial provocada pela transferência dos operários que construíram o Plano Piloto para as cidades da periferia teve e continua tendo consequências dramáticas para a história da cidade. No filme *Branco sai, preto fica* (2015), dirigido por Adirley Queiroz, chegamos a uma situação extrema, em que é preciso passaporte para entrar no Plano Piloto. Esse clima asfíxiante de existência ganha narrativa kafkiana pela voz poética de Patrícia Del Rey, em “Subtexto” (*Entreaberta*, 2011):

Poderia morrer essa madrugada, estraçalhada no concreto. Ou submersa no Lago Paranoá. Virar comida de peixe, lenda urbana, pedaços de seca. Conseguir me espalhar por todos os monumentos brancos, dores pingadas de um lamento. Rabiscar essa espera infinita e fazer um quadro abstrato com cores frias. Não passar pelo caminho da tua casa, não sentir a lembrança estampada no meu rosto marcado. Ser um pequeno azulejo quebrado do parque da cidade. E cessar qualquer esperança chula de uma felicidade mofada (p. 73).

A sinfonia da Alvorada esconde o coro dos descontentes. Nos primeiros tempos da cidade, as revistas, os jornais e os políticos se referiam muito à aventura de construir uma cidade modernista “no deserto”. Ao conceber a *Sinfonia da Alvorada* (1960), Tom Jobim e Vinícius de Moraes comentavam o fascínio de celebrar a construção de uma capital moderna “em plena selva”, uma outra miragem para os estrangeiros. “Deserto”, no caso, significava um lugar inóspito, vazio, vazado de silêncio, uma terra bruta, na qual nada havia e tudo estava por fazer. Brasília foi criada em cima dessa mitologia. Foram ignoradas assim a topografia, a vegetação, a biodiversidade, a fauna, a dinâmica e a singularidade da beleza do cerrado. Divergindo da perspectiva sinfônica, a poeta Cristina Bastos, em *Decerto, deserto* (1992) enaltece a estação desértica de Brasília sob o maravilhoso prisma marcado pela metafísica paisagística e pela magnitude espacial: “Há cactos/Há dias/Firo meus pés./Borboletas/Me fazem ir/São descaradamente belas/Como podem.../Como



pólen/E sou quase/Coisa bela./Com meu cajado/Sou grande/Quase o deserto/Sou quase/Borboleta bela” (*apud* FRANCISCO, 2015, p. 18). Brasília reuniu em seu bojo um quarteto formativo colossais – rural, urbano, arquitetônico e místico –, abraçando virtudes e vícios, medos e fascínios, criatividade em transe e burocracia “cara-crachá” ao mesmo tempo.

Justamente por evocar o espírito experimental, o inconformismo e os grandes voos modernistas que animaram os primeiros tempos de Brasília, a cidade pode ter se tornado uma cidade conservadora. Mas ela é uma ideia-força que vive para além de sua geografia. “Ou a gente se Raoni, ou a gente se Sting” (*Cadê*, 1998), adverte o poeta Luis Turiba:

Uma metade passa fome/Outra metade faz regime/Minha vida é uma novela/Minha casa um tele-cine/No meu quarto/tem uma cama/Que às vezes vira um ringue/Quem não sabe cala a boca/Quem não conhece só finge/Você só pensa em tarô/Mas meu caso é com I Ching/O teu corpo é escultura/Minha alma uma vitrine/Uns preferem linha reta/Outros vão pelo suíngue/No amor somos sinceros/Na morte somos esfinges/Ainda me mando pros ares/Vou montado no estilingue/A vida não dá replay/Aproveite e não se vingue (1998, p. 112).

O declínio da sensibilidade como virtude humana exemplar tem a ver com o não encerramento do pesadelo das tendências materialistas que fizeram da vida no mundo um jogo penoso e absurdo. Observamos que a nossa cultura é marcada por não poucas contradições: de um lado, um acentuado subjetivismo, exaltação do individualismo e das chamadas liberdades individuais; de outro, um sentimento espontâneo de solidariedade, de exercício do bem comum. De um lado, a exasperação do hedonismo e do consumismo; do outro, a busca constante da simplicidade da vida, de um certo despojamento. De um lado, a corrida frenética dos próprios interesses num mundo altamente competitivo; do outro, exemplos de total e sincero devotamento a uma causa comum.

Poeticamente, Noélia Ribeiro, em “O sabor da fruta” (*Escalafobética*, 2015), elogia a contemplação como virtude reflexiva salutar, pois favorece uma melhor conexão com o que se oculta por trás da realidade exterior, com aquilo que permanece subjacente, invisível aos olhos: “Deslizei teu nome no papel/com suave pena/para não despertar/a suprema razão/que cochilava/à sombra da macieira/plena/da fruta da paixão” (p. 24). Recolhimento interior representa viver o estado poético por excelência. Isto é, abrir ao máximo os poros da sensibilidade. Conhecer também significa entrar em comunhão com o mistério do ser. Nem que para isso, seja necessário fazer a seguinte troca, como sugere a poesia de Noélia, em “Paixão em versos” (*Escalafobética*, 2015): “resolvamos o dilema:/fique com a razão/que eu fico com o poema” (p. 59).

Quanto mais a tecnologia é potente e a ciência fecunda, mais é preciso cautela, sabedoria, conhecimento para fazer delas um uso que nos liberte, não que nos escravize. Para ser realmente livre, faz-se necessário potencializar a coragem de ser. A respeito, Noélia Ribeiro dedica o poema “Meu movimento” (*Escalafobética*, 2015) em elogio à ousadia existencial: “Se o mundo/Girasse/Em sentido/Horário/Eu teria feito/Tudo/Ao contrário” (p. 99). Urge contrariar o conservadorismo com a indignação ética em defesa da vida em plenitude – sem esse fundamento, torna-se difícil alcançar o que é sério e respeitoso para com o bem comum, reverente com a dignidade de cada pessoa. O custo para livrar o pescoço áureo ainda foi contabilizado, mas não é coisa pequena, ainda mais quando sacada daqueles que nada têm. Sobre o tema em questão, sublinha o poeta Jorge Amâncio, em “O dia não queria amanhecer” (*Negrojorgen*, 2016): “Permanece o riso perverso do carrasco/criando lágrimas germinando a dor/Permanece o gozo escrachado do poder/ferindo ossos doloridos pelo frio/Permanece o homem dogmatizado/rasgando a pele em lanhos sangrentos/Permanece à vontade harmonizada/errando nos dedos as caricaturas da vida” (p. 28).

Diante da *neoescravidão* contemporânea, a voz poética de Carla Andrade, em “Brasília” (*Fincapé*, 2011), expressa criticamente o perigoso culto dos brasilienses aos eixos da segurança e o consequente desprezo desumano pelas asas da liberdade:

O tempo e suas longas tranças/debruçadas em varandas com/vista para os olhos da cidade./A cidade com seus sentimentos/enclausurados em caixas de concreto,/pés de aço,/jardins de cimento,/estátuas mijadas./Você tem que ser híbrido,/até seu silêncio deve ser civilizado./Deixe o que é visceral para/a fotossíntese das plantas./O que é magistral na sua loucura/para a metamorfose das borboletas/Nada de mudanças repentinas,/enquanto a cidade e seu relógio analógico/decidem seu destino./Ande devagar, não olhe para os pássaros (2011, p. 77).

Brasília nasceu para embasbacar. Quem chega, vindo de lugares onde os endereços têm nomes e as casas são identificadas por números estranha, de imediato, o conjunto de letras e algarismos. A capital se espalha em grandes áreas verdes – ou secas, a depender da estação – e causa desconforto naquela gente acostumada a viver nas urbes tradicionais. Os espaços vazios daqui provocam uma sensação de distanciamento do forasteiro. Não se tromba com desconhecidos nas esquinas. Porque nem esquinas por aqui há. Brasília é uma cidade que não abraça nem se deixa abraçar, em sua versão *faroeste caboclo*. Alerta a jornalista Adriana Bernardes, em “Brasília, mandacaru do cerrado” (*Correio Braziliense*, de 10/8/2017):

Em Brasília, a maior renda per capita convive com a miséria extrema. É a cidade que tolera a exclusão de 60 mil analfabetos. E parece achar normal que metade da população carcerária não tenha acesso a atendimento médico. Brasília também leva toda a culpa pela corrupção do país, quando, na verdade, os crimes são cometidos por políticos vindos dos quatro cantos do país” (2017, p. 10)

Ali e acolá, *Eduardos e Mônicas* espalham seu amor, enquanto a lei do silêncio persegue “festa estranha/com gente esquisita”. Teatro Nacional fechado, *Teatro dos vampiros*: aberto! Serve de alento a delicadeza assim expressa pelo poeta Chico Alvim: “sabemos que Brasília é uma cidade com graves problemas, mas por aqui acontecem muitos acidentes de beleza” (*apud* FRANCISCO, 2017, p. 20).

O rápido progresso da cultura material de nossa época se viu acompanhado de regressão generalizada da cultura não material. Quando as normas se tornam inseguras e a moral, problemática, ressurge o medo, e a vida coletiva retrocede a formas primitivas. A sensação de crise crônica cria um princípio de realidade que reduz todos os aspectos da vida à autoconservação, impondo o reino da necessidade como medida e conteúdo da “vida do espírito”. A sociedade brasiliense, desse modo, parece viver em uma prisão a céu aberto, em que a garantia de não morrer de fome cobra como preço alto o risco de morrer de tédio.

A questão do poder é o coração da democracia. Esta significa, etimologicamente, governo do povo para o povo. No entanto, ainda permanece, na maioria dos países, no estágio meramente representativo. Para se tornar participativa, a democracia deverá ser expressão do fortalecimento dos movimentos populares. Um poder — o do Estado ou da classe dominante — só admite limites e evita abusos na medida em que se defronta com outro poder: o do povo organizado. Essa é a condição para que a democracia baseie a liberdade individual e os direitos humanos na justiça social e na equidade econômica. Sobre essa questão primordial, lança luz a notável alegoria cunhada pela voz poética de José Sóter, em “anúncio de jornal” (*Renitência lunar*, 1998): “perdeu-se uma azeitona voadora/na esplanada dos ministérios/com a qual combatia-se/a fome, a violência, as intempéries.../quem encontrou não precisa devolver/reparta-a com os vizinhos” (p. 83). É falsa a democracia que concede a todos liberdade virtual e exclui a maioria de bens econômicos essenciais, como o acesso à alimentação, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, à cultura e ao lazer. Este o critério para saber se uma sociedade é ou não justa — o direito de todos à vida plena.

Aprendemos com a poesia de Natália Cristina, no livro *Emaranhados* (2017), que temos como velha e atual utopia dar e receber um abraço nada arquitetado com beijos

monumentais. Os eixos estão por fora das asas: “BRASÍLIA/reinventada/na dureza concreta/nos espaços enormes/entre/o/a capital humano/a/que mesmo atado/é pássaro bulcão/e nas subterrâneas/abre passagens/para a poesia” (p.12). Infelizmente, numa cultura em que prevalece a orientação mercantil e predomina como valor o sucesso material, pouca razão há para surpresa no fato de seguirem as relações do amor humano os mesmos padrões de troca que governam os mercados de utilidades e de trabalho. Desatando os nós da “sociedade do cansaço” e da “agonia do eros”, conforme expressões pertinentes advindas do sociólogo coreano Byung-Chul Han, a viabilização de uma nova sociedade brasiliense, utópica por excelência realizadora, viria ao encontro da necessária reeducação das capacidades do discernimento, da sensibilidade e do respeito incondicional à alteridade, capacidades necessárias à formação de competências de viver e com as quais poderíamos reinventar a nós mesmos. Não pode ser outro, senão esse, o compromisso diante do que significa existir no presente. Mesmo *amanhecendo de noite*, temos chances de renascer.

## Referências

- AMÂNCIO, Jorge. O dia não queria amanhecer. In: \_\_\_\_\_. *Negrojorgen*. Brasília, ACE Comunicação e Editora, 2016. p. 28.
- ANDRADE, Carla. Brasília. In: MENEZES y MORAIS (Org.). *Fincapé*: coletivo de poetas. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 77.
- ANICETO, Natália Cristina. Brasília. In: \_\_\_\_\_. *Emaranhados*. Recanto das Emas, DF: Edição da Autora, 2017. p. 12.
- BEHR, Nicolas. [Poesia sem título]. In: \_\_\_\_\_. *POESÍLIA*: poesia pau-brasília. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2002. p. 2-3.
- BEHR, Nicolas. [Poesia sem título]. In: \_\_\_\_\_. *POESÍLIA*: poesia pau-brasília. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2002. p. 46.
- BERNARDES, Adriana. Brasília, mandacaru do cerrado. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 ago. 2017. Opinião, p. 10.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura (1988). In: *Vários escritos*. 4ª. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.
- CARVALHO, Fábio. Capítulo II – Dos Direitos Sociais. In: \_\_\_\_\_. *A Constituição da poesia*. Brasília: Thesaurus, 2008. p. 13.
- DEL REY, Patrícia. Subtexto. *Entreaberta*: (s.f.) ato de entreabrir; descobrimento do céu em um dia enevoadado. Brasília: FAC, 2011. p. 73.
- FRANCISCO, Severino. Acidente no Eixão. *Correio Braziliense*. Brasília, 25 jul. 2017. Cidades, p. 20.
- FRANCISCO, Severino. Decerto deserto. *Correio Braziliense*. Brasília, 7 set. 2015. Cidades, p. 18.
- HAN, Byung-Chul. *A Agonia de Eros*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- KLOTZ, Roberto. [Poesia sem título]. *Correio Braziliense*. Brasília, 6 set. 2016. Opinião, p. 10.
- MARA, Marina. BSB. In: \_\_\_\_\_. *Figuras*. Brasília: Editora Kiron, 2014. p. 124.
- PONTES, Elício. Brasília 50 anos. In: \_\_\_\_\_. *Metade de mim é verso*. Brasília: Edição do Autor, 2011. p. 68-69.
- PROENÇA, Ana Cristina Cavalcanti. Caipiras e *countries* da Capital Federal: um estudo sobre a exposição agropecuária de Brasília como processo comunicacional. In: *XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro

de 2003. Disponível:  
[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP17\\_pimenta.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP17_pimenta.pdf).  
Acesso: 14 jun. 2019.

RÊGO JÚNIOR. Diz: igual. In: \_\_\_\_\_. *Zigoto das palavras*. Brasília: Semear Gráfica e Editora, 2013. p. 114.

RIBEIRO, Noélia. Meu movimento. In: \_\_\_\_\_. *Escalafobética*. Porto Alegre: Vidráguas, 2015. p. 99.

SÓTER. Anúncio de jornal. In: \_\_\_\_\_. *Renitência lunar*. Brasília: Semim Edições, 1998. p. 83.

TOLEDO, Wélcio de. O poeta bêbado. In: \_\_\_\_\_. *Subversos*. Goiânia: Pé de Letras, 2015. p. 65.

TOLEDO, Wélcio de. Pôr do sol em Brasília. In: \_\_\_\_\_. *Subversos*. Goiânia: Pé de Letras, 2015. p.130.

TOVAR, Paulo. Marco Zero. *Correio Braziliense*. Brasília, 20 abr. 2017. Diversão & Arte, p. 4.

TURIBA, Luis. Ou a gente se Raoni ou a gente se Sting. In: \_\_\_\_\_. *Cadê?* Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 112.